

JOSE LUIS
SANTOS
SALINAS

VISIONÁRIO DOS QUADRINHOS

GONCALO JUNIOR

Noir

*Para Franco de Rosa,
amigo de todas as horas.*

JOSÉ SALINAS VISIONÁRIO DOS QUADRINHOS

GONÇALO JUNIOR

Capa e projeto gráfico: André Hernandez
Revisão: Nobu Chinen e René Ferri
Tratamento de imagens: Nina Baptista
Impressão e acabamento: Bartira Gráfica

Editora Noir
São Paulo – BR

editoranoir.com.br
facebook.com/editoranoir
contato@editoranoir.com.br

© 2017 Editora Noir – Todos os direitos reservados
Permitida a reprodução parcial de texto ou imagem,
desde que citados os nomes da obra e do autor.

N9

Dados Internacionais de Catalogação na Fonte (CIP)
Bibliotecária: Maria Isabel Schiavon Kinasz, CRB9 / 626

S165 Silva Junior, Gonçalo
José Luis Salinas: visionário dos quadrinhos / Gonçalo Silva
Junior - 1.ed. – São Paulo: Editora Noir, 2017.
252p.:il.; 21cm

ISBN 978-85-93675-04-1

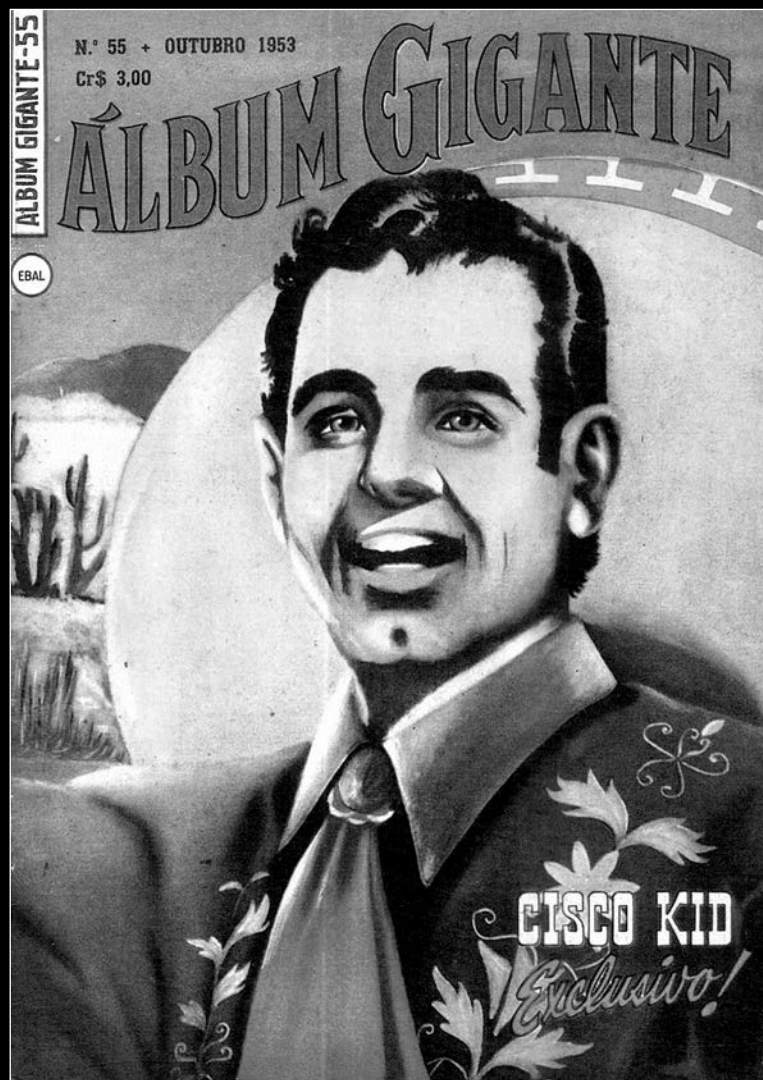
1. Salinas, José Luis, 1908-1985. 2. Quadrinistas – Argentina –
Biografia. 3. Histórias em quadrinhos. I. Título.

CDD 928.61 (22.ed)
CDU 92:861

1ª impressão: primavera de 2017



Quando começou a fazer tiras do mocinho latino The Cisco Kid, Salinas tinha um enorme desafio pela frente: renovar o gênero faroeste, exaustivamente explorado nas tiras de jornais e revistas em quadrinhos desde a década de 1930. E ele conseguiu, de modo marcante, ao introduzir, por exemplo, o romantismo nas histórias.



Dois momentos da carreira de Salinas: o herói The Cisco Kid na capa de uma de suas revistas publicadas no Brasil – aqui, da Brasil-América (Ebal), de 1953 –; e na cena de abertura da história inaugural de seu primeiro personagem, Hernán, O Corsário.



APRESENTAÇÃO





Poucos artistas desenharam mulheres tão lindas quanto Salinas. Na série de tiras *The Cisco Kid*, que chegou a ser publicada em centenas de jornais e revistas de todos os continentes – nada menos que 350 publicações, no auge –, ele se esmerou em construir lindos rostos femininos.

Quem vê um quadrinho do desenhista argentino José Luis Salinas (1908-1985) pela primeira vez pode pensar que ele foi influenciado por mestres dos quadrinhos mundiais, venerados nas últimas quatro décadas, como o americano Frank Frazetta (*Vampirella*) e o italiano Paolo Eleuteri Serpieri (*Druuna*) e não o contrário. Essa confusão é comum por causa da semelhança entre as obras desses autores e a de Salinas. É mesmo impressionante e nos casos do artista argentino e de Serpieri, é mais perceptível ainda.

Chega a ser intrigante, pois, tanto os tipos físicos e a arte-final quanto a forma de quadrinizar são parecidos demais. A questão é que Salinas começou muito antes de todos eles. Pelo menos duas décadas. Ele brilhou nos anos de 1930 a 1970, principalmente. Os outros, de 1960 em diante. Salinas foi um desbravador – no caso da Argentina, em vários aspectos – e sua influência sobre os dois artistas citados é inquestionável.

O tempo e a história, no entanto, não foram justos com esse ilustrador que, para muitos, foi um dos maiores artistas gráficos do século XX em todo o mundo, mas acabou esquecido pelos argentinos, desde sua morte, em janeiro de 1985. Seus trabalhos pioneiros e de grande valor artístico praticamente desapareceram das bancas de jornal e livrarias de seu país e da memória das histórias em quadrinhos.

Tanto que, em minhas andanças pelas livrarias e gibiterias de Buenos Aires em 2016, e pedir livros e álbuns com seus trabalhos ou alguma biografia causou olhares de estranheza e deixou até alguns vendedores um tanto apalermados. Ninguém sabia de quem se tratava, mesmo depois de informar que ele fora um dos quadrinistas argentinos mais famosos de sua história.

Por exemplo, em uma loja especializada em quadrinhos, no subsolo de uma galeria de material alternativo – música, em especial –, na avenida Santa Fé, a atendente até tentou apontar um caminho e deu uma sugestão: o cliente – eu – deveria ligar para seu chefe, “que ele tem quadrinhos antigos em casa e vai poder te ajudar”.

Esse aparente descaso com o legado de Salinas, hoje, talvez em uma leitura apressada, parece reflexo do marasmo que tomou conta do mercado de quadrinhos argentinos desde a década de 1990. O retrato é o mais retraído possível na segunda década do século XXI, quando se fala em produção nacional.

Na rede La Revisteria, por exemplo, as paredes são divididas quase exclusivamente por mangás e super-heróis americanos, com um pequeno espaço para os chamados quadrinhos autorais – argentinos, europeus, americanos e alguns brasileiros. *Fierro*, tradicional revista de quadrinhos adultos e de vanguarda, digamos assim, ainda sobrevive. Sem a reputação dos tempos áureos, entretanto.

Ignorar o nome e a importância de José Luis Salinas, no entanto, causa perplexidade, quando se fala em Buenos Aires com antigos leitores de quadrinhos, com mais de 40 ou 50 anos de idade. Afinal, ele se tornou um dos artistas patricios mais importantes no exterior, sem jamais negar sua origem e praticamente sem sair do país para produzir a arte que sabia fazer tão bem. Além disso, conseguiu se impor e assinar trabalhos com seu nome latino-americano completo. Portanto, não adotou um pseudônimo de origem anglo-saxônica, como costuma acontecer até hoje.

Fato foi que Salinas se transformou, mesmo sem uma produção expressiva em número de personagens, de histórias e de páginas, em um dos grandes ilustradores de seu tempo. E um dos mais influentes em todo o mundo por ser um desbravador, um inovador, um visionário. O artista chegou a ser comparado em importância a outros nomes celebrados há décadas, como Alex Raymond (Flash Gordon/Jim das Selvas/Rip Kirby) e Hal Foster (Tarzan/Príncipe Valente), que dizia terem sido suas maiores influências.

Salinas foi o primeiro quadrinista de seu país a ter trabalhos publicados em centenas de jornais e revistas de todos os continentes – nada menos que 350 publicações, no auge –, graças às quase duas décadas em que produziu as aventuras do mocinho mexicano *The Cisco Kid* (que aqui optei por chamar apenas de *Cisco Kid*) e do craque de futebol *Dico, O Artilheiro*, ambos para a agência internacional de quadrinhos americana King Features Syndicate, dos Estados Unidos.

Especialistas observam que a primeira série que Salinas criou, *Hernán, El Corsario*, lançada em 2 de novembro de 1936, na revista *Patoruzú*, do editor Dante Quintero, marcou o início da moderna tradição de quadrinhos de aventuras na Argentina. Desde o primeiro quadrinho que fez sobre seu herói adolescente que vivia entre piratas, cada episódio saiu redondo, perfeito, com uma beleza singular em detalhes, anatomia irrepreensível e expressividade dramática – mesmo com a clara similaridade com Foster no traço. Por isso, seria reconhecido como o “grande” desenhista “realista” da Argentina, cultuado não só entre os fãs como pelos colegas de profissão por décadas.

Em 2009, no seu blog *eloficiodelplumin*, o pesquisador argentino Diego Parés lembrou que na entrevista que Juan Sasturain fez com Salinas, publicada no suplemento *Superhumor*, número 3, de novembro de 1980, menos de cinco anos antes de sua morte, ficava claro o paradigma em que ele se tornara como quadrinista. “Nunca teremos alguém que desenha como ele. Não sei por quê, mas creio que isso nunca acontecerá. E eu não posso deixar de olhar isto e sentir certa tristeza. Nesta conjuntura, Salinas não tem o menor espaço, nós somos cegos e surdos ao seu trabalho. Ele fala em um idioma que não podemos decifrar, em outra frequência de onda.”

Parés acredita que o rigor profissional de Salinas é aplicável a alguns artistas atuais, claramente excepcionais, como foi o



O corsário Hernán é considerado o primeiro personagem importante do gênero aventura nos quadrinhos argentinos, embora outros heróis tenham seguido estilo parecido nos anos anteriores a 1936.

próprio desenhista. Ao se dirigir a seus leitores, Sasturain apelou na *Superhumor*: “O que fazemos com sua arte? Como nos inspira? Será que nos inspira de alguma forma? Cada palavra que você adicionar a estas que escrevi não fazem mais do que aumentar a falta de respeito que sinto em relação à sua obra. Convido-vos a desembainhar a espada, mas não vale a fuga através da janela.”

O presente perfil, escrito a partir de entrevistas de terceiros de diferentes épocas, reportagens e artigos sobre Salinas e da leitura de boa parte da sua obra – graças à preciosa colaboração do cartunista argentino Sergio Más – não tem a pretensão de ser uma referência sobre a vida de José Luis Salinas. Principalmente por causa da dificuldade que o autor encontrou para pesquisar sobre sua vida em Buenos Aires.

Quer, sim, ser apenas o ponto de partida, ou, quem sabe, uma provocação para que trabalhos biográficos mais completos sejam realizados. Busca despertar em pesquisadores, especialmente de seu país, para que procurem fazer obras mais densas e completas sobre esse artista tão fora de série e que levou a linguagem e o potencial da narrativa sequencial até onde poucos tinham tido a percepção de ir até aquele momento. Os quadrinhos se redimensionaram – em todos os sentidos – depois de *Cisco Kid*.

Até que isso aconteça, esta mistura de perfil e biografia, escrita por um admirador confesso de Salinas, quer apenas ser uma celebração desse gênio que ajudou a revolucionar a linguagem dos quadrinhos em todo o mundo, ao dar a seus personagens e cenas movimentos como nunca se vira até então, e mostrar diversas possibilidades para se explorar essa arte que ainda engatinhava quando ele começou a produzir.

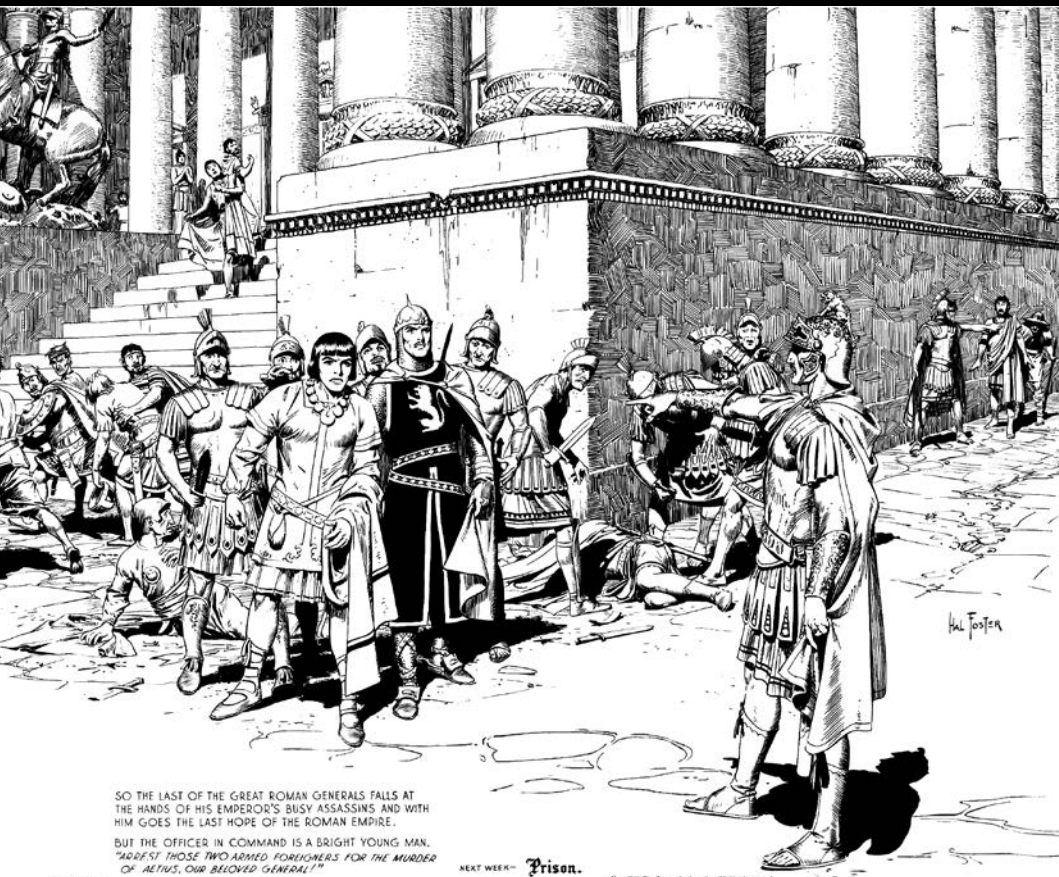
É, enfim, é uma obra que quer gritar: Viva Salinas!

O autor

CAPÍTULO 1

O MENINO QUE QUERIA SER O PRÍNCIPE VALENTE





SO THE LAST OF THE GREAT ROMAN GENERALS FALLS AT THE HANDS OF HIS EMPEROR'S BUSY ASSASSINS AND WITH HIM GOES THE LAST HOPE OF THE ROMAN EMPIRE.

BUT THE OFFICER IN COMMAND IS A BRIGHT YOUNG MAN. "ARREST THOSE TWO ARMED FOREIGNERS FOR THE MURDER OF AETIUS, OUR BELOVED GENERAL!"

NEXT WEEK— **Prison.**

©1937 Hal Foster Publications, Inc. All rights reserved.

O Príncipe Valente, de Hal Foster (1937): Salinas se maravilhou com as páginas dominicais do herói medieval, em que o autor contava histórias, com liberdade criativa e de expressão, sem seguir o convencionalismo das narrativas dos Syndicates. “Em Foster, vi o estilo que havia sonhado para mim por toda a minha vida”, reforçou o argentino.

O bairro de Flores, um dos mais tradicionais e conhecidos de Buenos Aires, onde José Luis Salinas veio ao mundo, ficaria famoso em todo o mundo no começo da segunda década do século XXI por ter sido o local onde nasceu e passou parte da sua vida um certo Jorge Mario Bergoglio, que se tornaria o Papa Francisco, nascido em 1936.

Os pais do futuro pontífice haviam imigrado para a Argentina sete anos antes, em fevereiro de 1929 e se estabeleceram na Rua Membrillar, no coração de Flores, quando Salinas já era moço criado. Mario estudou na Escola Tradicional nº 8, na Rua Varelo. Salinas pode ter se formado ali também, mas quase nada se sabe sobre a sua infância em Flores.